

DOUTORADOS NAS EMPRESAS

Luís Moniz Pereira

Professor Catedrático da Faculdade de Ciências e Tecnologia da UNL e membro do Painel Ciência e Sociedade

O emprego de doutorados é um problema recorrente na sociedade portuguesa.

Há tempo que o país investe fortemente na formação de doutorados, produzindo quase mil novos diplomas por ano. Fá-lo para compensar o atraso relativo dos nossos índices nessa matéria face à UE. E ainda para contribuir para uma duradoura política Europeia de promoção da Sociedade do Conhecimento. Tal política – a “Estratégia de Lisboa” – tem em mente a valorização sustentada da Europa como pólo de atracção e retentor de competências de inovação, e como pólo produtor de bens e serviços integrativos dessa inovação.

O Nobel Joseph Stigliz, no seu recente livro, **Making Globalization Work**, diz e rediz que não basta investir na educação para garantir desenvolvimento: é preciso também criar as oportunidades de emprego para os formandos, por virtude de uma política integrada do país. Tal é válido em qualquer estágio do estímulo do desenvolvimento pela educação, incluindo o de produzir doutorados.

O Governo tem prosseguido uma política de incentivo à integração de doutorandos nas empresas, durante a obtenção do grau, por via de bolsas específicas. No entanto, o contratar de doutorados pelas empresas permanece muitíssimo abaixo do possível e desejável, não se aproveitando o investimento já realizado pelo país numa formação longa e dispendiosa.

De tal insuficiência padece o próprio Estado, fora do Ensino Superior. Mesmo neste, e em resultado da presente deflação populacional, não há mais contratação de doutorados excepto (e quando muito) por substituição dos que deixam o sistema. Ainda assim sujeita ao descongelamento casuístico de lugares na Função Pública. Pelo contrário, doutorados com contratos precários vêm sendo “libertados” para o desemprego, sem direito legal a subsídio. Outros estão afectos ao Ensino Superior por bolsas de pós-doutoramento de 3 anos.

Um programa do Governo agora lançado prevê a contratação de mil doutorados, entre 2007-09, desde que com 3 anos ou mais de experiência. Oferece-lhes contratos de trabalho de até 5 anos ao invés de bolsas. Torna-se claro que esta medida irá aliviar só parcialmente, e pelo lado académico apenas, a problemática do desemprego de doutorados no país. Porém não a resolve a prazo, nem o faz de modo integrado num modelo de desenvolvimento.

Com o passar do tempo ganha pois em importância e urgência o contratar de doutorados pelas empresas. Porque não o fazem? Como ultrapassar as hesitações e sensibilizá-las para tal?

Um argumento duplo, comum de se ouvir, é o de que os doutorados são excessivamente especializados para as necessidades, e, concomitantemente, que as universidades não os preparam para o mercado. Tal é duplamente incorrecto.

O produto da universidade são doutorados que aprenderam a pensar; a conhecer o estado-da-arte e a saber documentarem-se; a pesar prós e contras, a equacionar cenários, arquitectar experiências, e analisar observações. Aprenderam a perceber riscos, comunicar com exactidão, contra argumentar alternativas, e mover-se na comunidade científica. Mais ainda, aprenderam a transmitir conhecimento, funcionar em equipa, decidir com confiança, elaborar e submeter projectos, e, não menos importante, a desenvolver laços de diálogo com a universidade.

Atingem tais capacidades resolvendo de modo original problemas difíceis, em aberto no âmbito internacional. Por isso lhes são colocados tais desafios e não outros, passíveis de mera solução de rotina, de simples resposta corrente. A universidade prepara os doutorados para o futuro, para o diálogo continuado da empresa com aquela.

Um segundo argumento, também vulgar, esgrime que o doutorado é demasiado dispendioso. E que, sendo sobre qualificado academicamente, perturbaria o equilíbrio hierárquico da empresa. A resposta está em contratá-lo como a outro licenciado qualquer. A seu tempo e por seu mérito, ele provará na prática o valor da sua formação, ascendendo na empresa de modo natural.

Incorporar doutorados nas empresas é preciso!